

ITINERÁRIOS DE UMA INTERVENÇÃO URBANA:

O MOVIMENTO #OcupeEstelita E A LUTA PELO DIREITO À CIDADE NO RECIFE.¹

Julie Hanna de Souza Cruz e Costa²

Resumo: Inserindo-se no debate sobre os movimentos sociais e sua atuação no âmbito do urbano e do direito à cidade, este trabalho, enquanto relato de experiência, retrata a trajetória do #OcupeEstelita, elucida suas pautas centrais e conecta analiticamente essa luta local com um movimento global, associado sobretudo à ocupação física e simbólica dos espaços urbanos pela população. Além do mais, o trabalho reflete sobre alguns dos impactos sociais do movimento, discutindo, por exemplo, seu caráter educativo tanto para seus ativistas, como para a sociedade em geral e para os órgãos públicos. Utiliza para tanto, como fonte de dados, interlocuções diretas com alguns de seus ativistas e textos *on-line* publicados nas redes sociais, nos jornais locais e na página do movimento.

Palavras-chave: Direito à Cidade; Movimento Social; Participação Social; Ativismo Político.

Abstract: Contributing to the current debate about social movements and its role within the city and around the right to the city, this essay, a report of a recent experience, portrays the trajectory of #OcupeEstelita, an urban initiative in Recife, Brazil. It also elucidates the central guidelines of this movement and connects analytically its local struggle with a global movement, especially associated with the physical and symbolic occupation of urban areas by the population. Furthermore, this essay reflects on some of the social impacts of the movement, discussing its educational character for both its activists, to society in general and to public institutions. For that, as data sources were used direct dialogues with some of its activists and online texts published on social networks, in local and international newspapers and on the homepage of #OcupeEstelita.

Keywords: Right to the City; Social movement; Social engagement; Political activism

¹ Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada em 30 de dezembro de 2015 no Grupo de Trabalho *Acciones colectivas y movimientos sociales*, durante o XXX Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, em San José, na Costa Rica. Dentre as imensas e gentis contribuições dadas nesse contexto, agradeço sobretudo àquelas de Morgan Dubois. Agradeço também a Mikhaella de Paiva pela generosa e amiga revisão da versão final deste texto.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e pela Universidade de Hamburgo (Alemanha). Atualmente é aluna de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, com financiamento do CNPQ, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque. E-mail: julie.costa@live.com.

1. Introdução

Os movimentos sociais³ têm como eixo de atuação a mudança, caminhos outros de construção da sociedade e novas vivências; posicionam-se contra a dominação e as tantas formas de exploração e opressão, firmes na luta por direitos: direito à dignidade, à cidadania plena, ao futuro nosso e de nossas cidades⁴ (MELUCCI, 1989, 1996; LEFEBVRE, 1991; ÁLVAREZ, 2001; DOMINGUES, 2007; GOMES, 2012; GOHN, 2011, 2014). Nesse contexto, o movimento social *#OcupeEstelita* tem fomentado o debate sobre a capacidade de intervenção dos diversos atores sociais em âmbito local, mais especificamente no que tange ao desenvolvimento urbano, e, ao interferir na destruição do sítio histórico Cais José Estelita, no Recife, Brasil, experimentou limites e possibilidades de transformação social, assim como descortinou alguns de seus caminhos e obstáculos.

A fim de apreender e documentar alguns dos tantos itinerários percorridos pelo *#OcupeEstelita*, esse trabalho traz textos publicados em jornais, redes sociais e site do movimento, assim como interlocuções diretas com alguns de seus ativistas. Para tanto, meu engajamento com a causa e minha intimidade com os sujeitos envolvidos foram fundamentais, aprofundando minha experiência socioantropológica enquanto uma agente social reflexiva, e afinando meu olhar sobre esse elemento sociológico pulsante que é o *#OcupeEstelita*.

Nesse sentido, mais do que um entrelaçamento entre teóricos – dentre os quais Henri Lefevre (1991), David Harvey (2012), Massimo Canevacci (1993) e Maria da Glória Gohn (2011, 2014) –, essa investigação em curso é um diálogo com aqueles que atuam politicamente na cidade, que a desejam distinta e desejam alterar o processo atual de sua construção (HARVEY, 2012). É também um ato político⁵ de alguém que viveu o movimento⁶, que precisou estranhá-lo e

³ Como movimentos sociais entende-se aqui “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas” (GOHN, 2011, p. 335).

⁴ Cf. Magnani (1996).

⁵ Por “político” entendo, assim como Benzaquem (2014) e Mouffe (2005), a esfera que transcende meramente a política institucional e suas práticas. O político, para esses autores, seria “a dimensão do antagonismo a qual eu tomo como constitutiva das sociedades humanas” (MOUFFE, 2005, p. 9), político esse que, através da política, cria ordens e organiza a coexistência no contexto da conflitualidade.

⁶ A perspectiva descolonial (SANTOS, 2002; MIGNOLO, 2003; MARTINS, SILVA, LIRA et al., 2014; BENZAQUEM, 2014), com a qual me identifico, argumenta que todo o saber é construído a partir de um espaço-tempo e com um viés político, esteja ele explícito ou não. Nesse horizonte, assim como Benzaquem (2014), entendo

que, a partir do estranhamento, percebeu, enquanto socióloga, a contribuição da sua pauta política e dos seus elementos analíticos para o debate amplo e crítico sobre a cidade e sobre os movimentos sociais urbanos no Brasil e no mundo.

Além de ser uma narrativa sobre experiências de uma mobilização a favor de uma cidade menos excludente e privatizada, este trabalho registra a história do *#OcupeEstelita*, elucida suas pautas centrais e conecta analiticamente essa luta local com um movimento global, associado sobretudo à ocupação física e simbólica dos espaços urbanos pela população (MARICATO et al., 2013; GOHN, 2011, 2014; HARVEY, MARICATO, DAVIS et al., 2014). Este trabalho reflete ainda, por fim, sobre alguns dos impactos sociais do movimento, discutindo, por exemplo, seu caráter educativo tanto para seus ativistas, quanto para a sociedade em geral e para os órgãos públicos.

2. O Cais José Estelita, o projeto Novo Recife e as primeiras movimentações em proteção da urbe.

O Cais José Estelita é uma área absolutamente importante para o Recife (NÓBREGA, TRINDADE & CÂMARA, 2014; SOUSA, 2014). Localiza-se de frente para a baía do Rio Pina, avistando o mar aberto, e conecta o histórico bairro de São José ao bairro de Boa Viagem, com suas construções modernas. Além de patrimônio cultural da cidade, o Cais é um espaço aberto de diálogo entre natureza, passado e presente. Pertencente até 2008 à União por abrigar o Parque Ferroviário das Cinco Pontas e parte da estrutura do antigo porto do Recife, ele foi arrematado em leilão, abaixo do preço do mercado, através de um processo irregular e extremamente questionado pela sociedade civil e posteriormente investigado por instâncias federais⁷ (BATISTA & FÉLIX, 2013; NÓBREGA, TRINDADE & CÂMARA, 2014; BARRETO ET AL. 2014). Desde então, as quatro grandes empreiteiras proprietárias, unidas no consórcio intitulado *Novo*

que um caminho possível para o que a autora chama de “engajamento consciente” seja a colocação clara do lugar de fala e do posicionamento que se toma diante de determinada questão. Eu, enquanto ativista do *#OcupeEstelita* e socióloga, sou contra o projeto Novo Recife, esperando todavia, transpor, nas linhas que se seguem, a pura militância. Isso o faço, como ainda propôs Benzaquem (*idem*, p. 140), com a utilização de conceitos sociológicos que “potencializem a leitura crítica da realidade e que ampliem instrumentos conceituais auxiliares de processos de engajamento político”.

⁷ Cf. *Polícia Federal confirma fraude em leilão do Projeto Novo Recife e investiga tráfico de influência (JCONLINE)* <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/09/30/pf-confirma-fraude-em-leilao-do-terreno-do-projeto-novo-recife-e-investiga-trafico-de-influencia-201542.php>> Acessado em 08/01/2016.

*Recife*⁸, planejam construir no terreno cerca de doze torres residenciais e comerciais com até 41 andares de altura⁹.

O projeto, além de contrastar com a antiga arquitetura do entorno, desrespeita encaminhamentos fundamentais regulados pelo Estatuto da Cidade¹⁰. Não apresenta, por exemplo, estudo de impacto ambiental ou impacto de vizinhança. Ele prevê ainda a disponibilidade de 4.340 vagas de garagem – cerca de quinze quilômetros de carros estacionados –, algo visto como mais uma catástrofe para a mobilidade já colapsada da cidade¹¹. Por fim, além de afetar a atual configuração ambiental da área, criando ilhas de calor e uma verticalização exacerbada (SOUSA, 2014), o projeto, ao não prever uma integração clara com as comunidades pobres do entorno, como o Coque e Brasília Teimosa, gerará efeitos de gentrificação irreversíveis para o perfil habitacional da região, seus moradores e usuários, num processo análogo ao que Harvey (2012) descrevera como o “aburguesamento” dos centros urbanos¹².

Atento às tantas fragilidades do Novo Recife e suas prováveis consequências, o grupo Direitos Urbanos organizou em 2012 as primeiras discussões sobre o Cais, dando origem ao movimento *#OcupeEstelita* (BATISTA & FÉLIX, 2013). Muitos protestos e atividades foram desenvolvidos desde então, inclusive com ações junto ao Ministério Público e engajamento no Conselho da Cidade. A obra estava interrompida até que, desconsiderando as discussões da população e seu desejo de participar ativamente das decisões em torno do Cais, sem autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o consórcio deu início à destruição de parte dos históricos armazéns da propriedade, ato que, avistado por um dos ativistas do grupo e divulgado em rede social, foi o estopim para o início da ocupação do terreno (OCUPE ESTELITA, *cronologia*)¹³.

3. Quando os corpos ocupam a cidade

⁸ Cf. <<http://www.novorecife.com.br/>>. Acessado em 06/06/2015

⁹ Cf. *Recife, Cidade Roubada* <<https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9P>> Acessado em 06/06/2015.

¹⁰ Inserido na legislação brasileira em 2001, após pressão de movimentos sociais para reorganizar o direito coletivo à cidade (FERNANDES, 2007).

¹¹ Cf. <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/mobilidadeurbana/>>. Acessado em 06/06/2015.

¹² Harvey (2012) argumentou que a cidade está se dividindo em diferentes partes separadas, fragmentos que parecem viver e funcionar autonomamente. Sob estas condições, disse o autor, “ideais de identidade urbana, cidadania e pertencimento – já ameaçados pela propagação do mal-estar da ética neoliberal – tornam-se mais difíceis de sustentar” (*idem*, p. 81). Para um destrinchar completo das consequências históricas desse processo – do qual o caso Estelita parece analiticamente fazer parte –, Harvey retoma Engels e revisita os processos de urbanização desde Paris do século XIX até casos contemporâneos latino-americanos e asiáticos.

¹³ Cf. <www.ocupeestelita.com.br>. Acessado em 06/06/2015.

Na noite do dia 21 de maio de 2014 chegam os primeiros ocupantes ao local, impedindo a destruição dos armazéns e levantando um acampamento que duraria pelos próximos 50 dias (OCUPE ESTELITA, *cronologia*). Como colocou o ativista Érico Andrade, “ocupar fisicamente – com os nossos corpos – foi a solução imediata para o impasse da invisibilidade. Os corpos ocupando o espaço público denunciam a publicidade do espaço, a sua dimensão coletiva, e, por conseguinte, reorientam a discussão da cidade para o seu palco, que não apenas é o lugar onde deve ocorrer a discussão, mas é o objeto da discussão [...]” (CULTURA BR, 11-07-2014)¹⁴.

Nas semanas que se seguiram, realizaram-se diariamente no Cais debates políticos, atividades culturais e aulas públicas sobre diversos temas, como democracia, urbanismo e comunicação. O movimento, independente e autogerido, cresceu e recebeu apoio de vários artistas, intelectuais e organizações da sociedade civil. Recebeu nos finais de semana mais de cinco mil visitantes no acampamento, no qual toda noite pelo menos 40 ativistas pernoitaram. A Vila Estelita, como assim foi chamada, passou a ser referência de novos paradigmas, expandindo o debate sobre a cidade rumo a uma discussão ampla da sociedade e seus padrões de desenvolvimento e solidariedade.

Assim, através da pauta concreta inicial do movimento, que girava em torno da preservação do Cais José Estelita, uma gama de outras demandas e discussões de cunho coletivo e político emergiram e foram incorporadas, reforçando o aspecto múltiplo e dinâmico dos movimentos sociais assim como proposto por Gohn (2010). A autora já colocara que estes não são só reativos, movidos pelas necessidades, desenvolvendo-se também a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência. Na atualidade, assim como minhas análises também permitem inferir no que tange ao caso do *#OcupeEstelita*,

esses movimentos apresentam um ideário civilizatório que coloca como horizonte a construção de uma sociedade democrática. Há neles uma ressignificação dos ideais clássicos de igualdade, fraternidade e liberdade. A igualdade é ressignificada com a tematização da justiça social; a fraternidade se retraduz em solidariedade; a liberdade associa-se ao princípio da autonomia – da constituição do sujeito, não individual, mas autonomia de inserção na sociedade, de inclusão social, de autodeterminação com soberania (*idem*, p. 336-337).

No dia 17 de junho, às 5h da manhã, dia de jogo do Brasil na Copa, ao ignorar as negociações entre ativistas e prefeitura no que concernia à desocupação pacífica do terreno, o

¹⁴ Cf. <www.culturabr.com/ocupe-estelita-ocupe-a-cidade-por-erico-andrade-grupo-direitos-urbanos/>. Acessado em 05/06/2015.

Batalhão de Choque da polícia executou um ato violento de reintegração de posse, com uma brutalidade que remeteu à época da obscura ditadura militar no país. Entre bombas de efeito moral e tiros de borracha, três pessoas foram presas e várias machucadas, fazendo imperar a violência já assinalada por Harvey (2012, p. 82) enquanto intrínseca e necessária na história do capitalismo para a construção do “novo mundo urbano sobre os escombros do velho”. Diversas organizações, dentre elas, por exemplo, a Anistia Internacional¹⁵, expressaram seu repúdio ao acontecimento truculento, que virou notícia na mídia de vários países, como França, Espanha, Alemanha e Inglaterra. Desde então, a ocupação seguiu por mais algumas semanas embaixo do viaduto Capitão Temudo, localizado em frente à propriedade do Novo Recife, quando finalmente, na noite do dia 11 de julho, os ocupantes decidiram encerrá-la, por questões de segurança (BLOG DO JAMILDO, 10-07-2014).

Pode-se falar desde então de uma mudança nas formas de atuação, uma passagem de uma fase de ocupação física permanente de um território específico para uma fase de ações jurídicas, políticas e culturais pulverizadas no tecido urbano. Audiências públicas e vários encontros no Conselho da Cidade foram realizadas até o presente momento para discutir o projeto Novo Recife, com pouco avanço no sentido das demandas do *#OcupeEstelita*¹⁶. Dentre as pautas, como expõe esse excerto retirado da página do movimento, “reivindicamos para a área do Cais José Estelita um projeto de uso misto, com área comercial, de lazer e residencial, destacando 30% das moradias para habitação popular. Desejamos ainda construções que se integrem de maneira coesa com a paisagem e a dinâmica daquela região, respeitando os patrimônios históricos tombados e integrando as comunidades vizinhas ao Cais”. Ainda na página, assinala o manifesto do movimento:

[A área do Cais] precisa ser encarada como uma oportunidade de intervenção no tecido urbano que beneficie toda a população da cidade. Além disso, qualquer

¹⁵ Cf. <<http://www.anistia.org.br/direitos-humanos/blog/nota-p%C3%BAblica-anistia-internacional-condena-uso-excessivo-da-for%C3%A7a-pela-pm-na-d>>. Acessado em 06/06/2015.

¹⁶ Desde a submissão e posterior aprovação deste artigo nos fins de 2015, aparentes vitórias se travaram no âmbito jurídico, como, além da já citada investigação da Polícia Federal sobre o consórcio Novo Recife, a decisão lavrada pelo juiz da 1ª Vara da Justiça Federal, Roberto Wanderley, de anulação da compra do terreno do Cais em acato de ação civil pública (Processo nº: 0001291-34.2013.4.05.8300). Paradoxalmente, se deu a aprovação do Projeto Novo Recife no Conselho da Cidade, no dia 22/12/2015. Escolhi, no entanto, preservar a historicidade das linhas aqui apresentadas e não cometer, precipitadamente, o perigoso erro de olhar o passado à luz dos acontecimentos presentes. Recusei, nesse sentido, fazer do conhecimento socioantropológico uma espécie de versão erudita de um jornalismo apressado. Refutei, também nesse sentido, antepor a análise ao que ainda não se sabe o desfecho, aceitando que esta artigo é, como é um livro para Foucault (1997), um “pequeno objeto manejável”, que só se faz em relação às coisas sobre ele ditas e aos eventos dos quais é sempre prisioneiro.

projeto que se desenvolva para o terreno pode e deve ser coletivamente elaborado, com as diversas instâncias da sociedade. Nesse processo, todos os atores podem ser beneficiados. A luta do Movimento Ocupe Estelita é, assim, para que a cidadania ocupe o Cais por meio da observância da legislação vigente, da inclusão popular no desenho das oportunidades para a área do centro-sul da capital pernambucana, do respeito ao meio ambiente e do investimento imobiliário responsável¹⁷.

4. A resistência em favor da cidade que se deseja

Daí que a luta continua e, apesar das dificuldades na reelaboração prática do projeto em questão, como pôs o ativista Pedro Nogueira, “há algo que se instala e permanece. Algo que floresce, cresce e se espalha. Que afeta os que se envolvem ao ponto de nada ser como antes” (PORTAL DO APRENDIZ, 11-07-2014)¹⁸. Foi possível se constatar, por exemplo, por parte de vários ativistas com os quais dialoguei e dentre os quais me incluo, um significativo empoderamento – uma tomada de consciência sobre as nossas possibilidades de intervenção social – paralelo, por sua vez, ao surgimento de um amplo senso crítico de coletividade. Gohn (2010) já problematizara esse caráter formador dos movimentos sociais, esses geradores de aprendizagens e saberes. Segundo a autora: “há um caráter educativo nas práticas que se desenrolam no ato de participar, tanto para os membros da sociedade civil, como para a sociedade mais geral, e também para os órgãos públicos envolvidos – quando há negociações, diálogos ou confrontos” (*idem*, p. 333).

Ao buscar remodelar a cidade, como já disse Harvey (2012, p. 82), os movimentos sociais urbanos – dentre os quais, o *#OcupeEstelita* parece estar analiticamente incluído, – apresentam desta uma imagem diferente daquela dos “empreendedores, que são apoiados pelas finanças, pelo capital corporativo e um aparato local do Estado progressivamente preocupado com o empresariamento”. Nesse aspecto, o caráter educativo ressaltado acima se manifesta sobretudo no potencial propositor de novas formas de se pensar a cidade, isso tanto do ponto de vista urbanístico, como do sociocultural.

O turbulento processo experimentado pelo *#OcupeEstelita* sugere também a emergência de uma ampla gama de agentes políticos em busca de transparência participativa nas decisões públicas, agentes esses prontificados para contestar e negociar tais decisões em diversas esferas,

¹⁷ Cf. <<http://www.ocupeestelita.com.br/pelo-que-lutamos/>>. Acessado em 06/06/2015.

¹⁸ Cf. <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/07/11/ocupe-estelita-guarda-o-sonho-de-uma-cidade-feita-por-todos/>>. Acessado em 05/06/2015.

dentre as quais a jurídica e a administrativa. Vale salientar que esse processo de contestação e negociação se trava também em um nível ideológico e simbólico, através dos quais ele (re)cria representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas (GOHN, 2011). Assinala o manifesto do movimento:

Falamos pelos que não se sentem contemplados com o modelo de desenvolvimento urbano que tem regido nossa capital. Afinal, se a paisagem é uma extensão do homem, nós somos a cidade. Cada um de nós. Ocupamos para continuar sendo cidade e resistimos pelo Recife que fomos, somos e queremos ser (OCUPE ESTELITA, *pelo o que lutamos*)¹⁹.

Nesse processo, foi possível constatar a associação de diversos grupos de atores sociais antes dispersos, projetando em seus participantes sentimentos de pertencimento social, o que reforça o aspecto identitário já discutido por Melucci (1996). Dentre outros, estudantes, professores universitários²⁰, arquitetos, advogados, sociólogos, artistas e líderes comunitários estruturaram as reivindicações do movimento através de suas perspectivas particulares, cedendo-lhe não apenas uma pluralidade única, como uma unidade complexa que ampliou nossos olhares sobre o potencial coletivo da cidade enquanto um espaço educativo de encontro e troca.

Assim como registrou Gohn (2011) para o caso dos movimentos de alterglobalização, também o #OcupeEstelita, por se tratar de uma rede, não possui homogeneidade interna. Pelo que se foi possível constatar de minhas vivências pessoais enquanto ativista e socióloga, observando participativamente grande parte de suas ações ao longo dos últimos dois anos, há no movimento diferentes correntes ideológicas que sustentam os ideais dos ativistas. Elas vão desde as novas formas do anarquismo, organizadas agora em torno da ideia de desobediência civil, às concepções de grupos articulados a partidos políticos de esquerda, passando pelas práticas de compromisso e responsabilidade social das organizações não governamentais (*idem*).

Também na experiência do Estelita, como já colocara Touraine (1984), energias sociais antes dispersas foram canalizadas e potencializadas. O movimento #OcupeEstelita, nesse sentido, assim como a cidade na qual atua, compara-se “a um coro que canta com uma multiplicidade de

¹⁹ Cf. www.ocupeestelita.com.br. Acessado em 05/06/2015.

²⁰ Segundo Gohn (2011), no Brasil, uma gama significativa de militantes tem chegado aos cursos de pós-graduação e, mais recentemente, ocupam posições como professores e pesquisadores nas universidades. Segundo a autora, teses e dissertações vêm sendo produzidas por esses militantes/ativistas/ pesquisadores e muitas delas, assim como a artigo que desenvolvo, são parte das histórias que vivenciam. Essa união entre militância e produção do conhecimento me parece muito cara tanto às Ciências Sociais, quanto ao caso do #OcupeEstelita, e enfatiza a importância do que Wright Mills (1972, p. 11) colocou como imaginação sociológica, ou a capacidade de “compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos”.

vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se [...]” (CANEVACCI, 1997, p. 17). Essa composição diversa e vívida foi e é também importante no que tange à ação propriamente dita, que engloba desde a aproximação com as comunidades do entorno até o acompanhamento jurídico do processo, a produção crítica de pensamento e cultura²¹, a proposição de projetos urbanísticos alternativos ao Novo Recife²², e a busca por apoio social e base política. O caráter educativo do movimento transborda, por essa sua multiplicidade, para além de suas próprias fronteiras, resgatando a necessidade de um diálogo democrático e direto com os órgãos públicos, assim como fomentando práticas outras de intervenção social.

As redes sociais, por sua vez, dentre elas principalmente o *Facebook* e *Twitter*, são, nesse contexto, ferramentas muito importantes, isso não apenas para o recrutamento de ativistas e arrecadação de doações, como fora durante a fase de ocupação, mas também para a difusão rápida de informações e troca de ideias. As redes sociais, enquanto produto dos novos meios de comunicação e tecnologia, têm sido centrais na articulação dos novíssimos movimentos sociais, como colocado por Gohn (2010). No caso do Estelita especificamente, essas redes são centros livres de engajamento paralelo que mobilizam parte da opinião pública e que registram as trajetórias do movimento, assim como seus caminhos de atuação. Foram e são fundamentais para furar o silêncio da mídia local e o alinhamento de seu discurso ao empreendimento do Novo Recife (GOMES et al., 2014; PAIVA & SERRANO, 2014)²³.

“O Novo Recife, além de desejar gerir nossa cidade através de um projeto visto por grande parte da população como inadequado, controla, com altos montantes de dinheiro e propaganda, o que se fala sobre ele nos jornais de grande circulação, objetivando, em minha perspectiva, esvaziar o debate político sobre o espaço urbano e tornar esse espaço nada mais que mercadoria rentável no mercado imobiliário”, diz Júlia, ativista do #OcupeEstelita²⁴. Nesse horizonte, David Harvey (2012, p. 14), em diálogo com autores como Henri Lefebvre (1991,

²¹ Como colocara Gohn (2010, p. 4), os movimentos sociais, assim como é o caso do #OcupeEstelita, “representam forças sociais organizadas, aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais”.

²² Cf. <<http://penserecife.tumblr.com>>. Acessado em 06/06/2015.

²³ Como colocara a socióloga Maria Eduarda da Rocha Mota em artigo para o El País (11-10-2015), a barreira da mídia “foi quebrada de dentro para fora, a partir da mídia internacional, passando por jornais de São Paulo, até chegar à mídia local, que, impossibilitada de fazer de conta que nada estava acontecendo, adotou um viés claramente desfavorável ao movimento”.

²⁴ O Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) instaurou processo ético (nº 182/14) contra o Projeto Novo Recife referente ao anúncio “A cidade merece o projeto Novo Recife”. Cf. <<https://www.pt-br.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita/posts/340849262728727>>. Acessado em 06/06/2015.

2013), assim como já posto anteriormente, problematizara a questão cidadina e seu controle pelo grande capital econômico. Quando falando sobre o direito à cidade, o autor afirma que progressivamente o vemos “cair em mãos privadas ou interesses quase privados [...]”. Segundo Harvey, esses interesses e suas taxas de lucro se sobrepõem a todas as outras noções de cidadania e direito, fazendo da cidade nada mais que “uma localização ótima para grandes negócios”²⁵.

5. Entre medos e desejos, o local e o global.

No Recife, desejos de intervenção afloraram paralelos aos tantos medos gestados pelo atual modelo de desenvolvimento urbano, o qual nega o caráter público da cidade: “Queremos discutir o futuro do Recife. Queremos ter voz na construção da nossa cidade” (OCUPE ESTELITA, *pelo o que lutamos*)²⁶. E, apesar de todos os obstáculos associados à falha e contraditória gestão pública em exercício no Recife, o movimento tem encontrado caminhos de atuação que contam com a participação popular física e simbólica nos espaços. E tem criado, além disso, espaços outros de discussão política, na tendência contrária à privatização das áreas públicas e à elitização das decisões sobre a vida coletiva²⁷.

Mas muito ainda precisa ser feito. Pelo movimento, pela cidade do Recife – como colocou o ativista Roberto Ghione, uma “cidade colapsada, violenta, imobilizada, segregada e excludente. Cidade já não mais para ser vivida, mas sofrida nos intermináveis engarrafamentos, nas calçadas e espaços públicos deteriorados, na sensação de violência, na improvisação e descaso com o transporte público, com a infraestrutura, com o patrimônio cultural e ambiental, e com as condições de habitação e urbanidade dos setores mais carentes da sociedade”. O *#OcupeEstelita*, afim de alterar essa paisagem, tem contornado as irregularidades do Novo Recife e as arbitrariedades da prefeitura, como foi o caso da aprovação do Plano Urbanístico para a área do Cais²⁸. No contexto dessa cidade complexa, em minha perspectiva, ele foi e é um motor de discussão e intervenção social extremamente relevante.

²⁵ Já em *A Questão Urbana* (1983) Manuel Castells trata o desenvolvimento das cidades a partir da configuração capitalista globalizada, mais especificamente do processo de dependência dos países subdesenvolvidos que geram cada vez mais aglomerados urbanos acéfalos de fragilidade estrutural.

²⁶ In: Manifesto do Movimento *#OcupeEstelita*. Disponível em: <<http://www.ocupeestelita.com.br/pelo-que-lutamos/>>. Acessado em 06/06/2015.

²⁷ Cf. <<https://www.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita/?ref=ts&fref=ts>> e <<https://www.facebook.com/OcupeEstelita-1447067488906490/?ref=ts&fref=ts>>. Acessado em 08/01/2016.

²⁸ A aprovação arbitrária do Plano Urbanístico para o Cais José Estelita gerou uma onda de protestos em toda a cidade e uma iniciativa de cancelamento do projeto por parte do Ministério público, como registrado pela imprensa: *Câmara do Recife aprova plano para a área do Cais José Estelita* (PORTAL G1, 04-05-2015); *MPE pede anulação*

Seja como for, como disse Calvino (1994), “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou sessenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”. E em suas ruas e vielas, o Recife, com suas maravilhas e contradições, é um poço de perguntas, muitas das quais foram propostas pelo *#OcupeEstelita*. Nesse sentido, é uma cidade pulsante, que nos leva a repensá-la e sonhá-la distinta. Certo é que as repostas dadas à luta do movimento e aos seus tantos ativistas serão decisivas para todos e para o Recife mesmo, enquanto realidade viva. O que se fizer ali, na área do Cais José Estelita, marcará a cidade e seus moradores de forma significativa, pois, como bem colocou Guattari (1992, p. 158), “quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo”. A cidade é, como já colocado por Robert Park (1967, p. 3),

a tentativa mais bem-sucedida do homem de reconstruir o mundo em que vive o mais próximo do seu desejo. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si mesmo.

Nesse horizonte de incertezas sobre o que virá, certo é que, apesar da sua pauta local, a luta do *#OcupeEstelita* está conectada com um fluxo histórico de intervenções em espaços urbanos (HARVEY, 2012; MARICATO et al., 2013; GOHN, 2011, 2014), o que faz de seus itinerários parte relevante de um grande movimento, o qual encontra no eixo citadino e no direito à cidade seu sentido de ser (HARVEY, 2012; HARVEY et al, 2013). Henri Lefebvre (1991, p. 139) já discutira com muita propriedade o sentido do direito à cidade, este pensado enquanto o direito à “vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais, etc.”, aspecto fundamental do horizonte construído e cotidianamente em construção pelo movimento *#OcupeEstelita*.

6. Conclusão

Por fim, até o presente momento da investigação, foi possível concluir que, mais do que evitar a destruição de parte do patrimônio histórico do Recife, o movimento *#OcupeEstelita*

do plano urbanístico para o Cais José Estelita (PORTAL NE10,12-05-2015); *Movimento organiza protestos contra a aprovação do projeto sobre o Cais José Estelita* (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 05-05-2015).

evidenciou e agitou as relações de força histórico-políticas da região, levou à emergência e ao empoderamento de novos atores sociais e estimulou a participação política direta e a produção artístico-cultural da cidade. As análises destacam também o caráter educativo das ações desenvolvidas/desencadeadas pelo movimento, e a penetração de sua pauta em espaços político-democráticos consolidados, como é o caso do Ministério Público e outras instituições da sociedade civil organizada, como o Conselho das Cidades.

A ocupação física do espaço urbano e a promoção de atividades coletivas que retomam seu caráter público mostraram-se significativas enquanto estratégia de atuação e promoção das pautas do #OcupeEstelita, seja pela convocação das pessoas a desejar e (re)vivenciar a rua, seja pela reapropriação dessa rua enquanto palco e protagonista central, no caso, lugar e objeto de discussão. No mais, como mostraram os tantos percalços retratados, a essa atuação se colocam obstáculos que evidenciam, dentre outros elementos, a alienação do público pelo poder privado, mais especificamente através da influência do capital imobiliário sobre o desenvolvimento urbano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ÁLVAREZ, S. Los feminismos latino-americanos se globalizan: tendencias de los años 90 y retos para un nuevo milenio. In: _____; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Org). *La política de las culturas y las culturas de la política: revisando los movimientos sociales latinoamericanos*. Bogotá: Taurus, 2001.

BLOG DO JAMILDO. *Temendo Violência, ativistas do Ocupe Estelita encerram acampamento no Cais*. 2014. Disponível em: <http://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2014/07/10/temendo-violencia-ativistas-do-ocupe-estelita-encerram-acampamento-no-cais/>>. Acessado em 06/06/2015.

BARRETO, T. *et al.* Entre a denúncia e o anúncio: O movimento #OcupeEstelita e o enfrentamento ao *dark side* das organizações. *Anais do II Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*. Uberlândia, 19 a 21 de novembro de 2014.

BATISTA, M. & FELIX, V. Direitos Urbanos Recife—Uma nova forma de articulação e participação política. *Anais do XXIX Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia*, 2013.

BENZAQUEM, J. *Reflexões a respeito da ideia de (r)existências do sul*. Estudos de Sociologia: Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE. v. 2, n. 20, 2014.

CALVINO, Í. *As cidades invisíveis*. 6ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Stúdio Nobel, 1993.

CASTTELS, M. *A questão urbana*. Edição revisada, acompanhada de um posfácio. Coleção Pensamento Crítico, vol. 48. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CANEVACCI, M. *A Cidade Polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo, Estúdio Nobel, 1993.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO ONLINE. Movimento organiza protestos contra a aprovação do projeto sobre o Cais José Estelita. 5 maio 2015. <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/05/05/interna_vidaurbana,574790/movimento-organiza-protestos-contraprovaode-projeto-sobre-o-cais-jose-estelita.shtml>. Acessado em 06/06/2015.

DOMINGUES, P. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Revista Tempo, v. 12 n. 23, 2007.

EL PAÍS. O Ocupe Estelita e a “Nova Política”. 11 out. 2014. <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/10/opinion/1415574846_646558.html>. Acessado em 07/06/2015.

FERNANDES, E. Constructing the “Right to the City” in Brazil. *Social and Legal Studies*, vol. 16, n. 2 (June), 2007. pp. 201–19.

FOUCAULT, M. *A História da Loucura na Idade Clássica*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GOMES, N. *Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça*. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012

GOMES, I. *et all*. *A comunicação como força de empoderamento sobre a cidade: o papel das redes sociais e do jornalismo local*. Anais do 12º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Santa Cruz do Sul, 2014.

GOHN, M. *Movimentos Sociais na Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago, 2011.

_____. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no mundo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

GUATARI, F. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

LEFEBVRE, H. *O Direito à Cidade*. 1ª ed. São Paulo: Moraes, 1991.

HARVEY, D., MARICATO, E., DAVID, M. et al. O direito à Cidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012. Trad. Jair Pinheiro.

MAGNANI, J. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na Metrópole In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) *Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

MOUFFE, C. *On the political*. New York: Routledge. 2005

HARVEY, D. O direito à Cidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012. Trad. Jair Pinheiro.

- MARICATO, E. et al. *Cidades Rebeldes*. Ed. 1. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- MARTINS, P.; SILVA, M.; LIRA, B. et al. (Orgs). Guia sobre post-desarrollo y nuevos horizontes utópicos. 1ª ed. *Cidade Autônoma de Buenos Aires*: Estudos Sociológicos. Editora, 2014.
- MIGNOLO, W. “Um paradigma oto”: colonialidad global, pensamento fronterizo y cosmopolitismo crítico”. In MIGNOLO, Walter. *Historias locales – diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal, 2003. (p.19-60)
- MILLS, C.. *A imaginacao sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. pp. 09-17.
- MELUCCI, A. *Um objetivo para os movimentos sociais?* Revista Lua Nova, n. 17, jun., São Paulo, 1989.
- _____. *Challenging codes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- NÓBREGA, M.; TRINDADE, I. ; CÂMARA, A. *O cais onde o patrimônio atraca: O Cais José Estelita como parte integrante da paisagem cultural do Recife*. Anais do 3º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto “Desafios e Perspectivas”. Belo Horizonte, 2014.
- PAIVA, C. & SERRANO, P. *Movimento Ocupe Estelita: A ecologia da mídia e o imaginário político da cidade*. Anais do 24º Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. Brasília, 2015.
- PARK, R. *On Social Control and Collective Behavior*. Chicago, 1967.
- PORTAL G1. Câmara do Recife aprova plano para a área do Cais José Estelita. 04 maio 2015. <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/05/camara-do-recife-aprova-plano-para-area-do-cais-jose-estelita.html>>. Acessado em 06/06/ 2015.
- PORTAL NE10. MPE pede anulação do plano urbanístico para o Cais José Estelita. Em 12 maio 2015. <<http://noticias.ne10.uol.com.br/grande-recife/noticia/2015/05/12/mppe-pede-anulacao-do-plano-urbanistico-para-o-cais-jose-estelita-546353.php>>. Acessado em 06/06/2015.
- RECIFE, CIDADE ROUBADA. Direção: Ernesto de Carvalho, Marcelo Pedroso e Pedro Severien. 13 min. Movimento #OcupeEstelita. <<https://www.youtube.com/watch?v=dJY1XE2S9Pk>>. Acessado em 05/06/2015.
- SANTOS, B. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Afrontamento, 2002.
- SOUSA, J.. *Influência da forma urbana na ventilação natural: Um estudo de caso no Cais José Estelita, Recife*. [Dissertação] Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2014.
- TOURAINÉ, A. *Le retour de l'acteur*. Paris: Fayard, 1984.

Recebido em: 24/08/2015

Aceito em: 22/11/2015